

Fonte FOLHA DE S. PAULO

Class.: 209

Data 05/12/46

Pg.:

Ismarth fala do índio

Ele admite que a Funai passa por momentos difíceis

BRASILIA (Sucursal) — “Quer a Funai, simplesmente, que a civilização alcance os índios preparados para recebê-la, sem os impactos irreversíveis e destruidores, mas com acréscimos às virtudes e qualidades que a sua cultura simples lhes ensina no recesso das comunidades.”

Esse é um trecho da mensagem do presidente da Funai, general Ismarth de Oliveira, pela passagem do nono aniversário do órgão, comemorado hoje. A fundação Nacional do Índio foi criada em 1976 com a finalidade de reunir em uma só administração, todos os órgãos de proteção e assistência aos grupos indígenas que estavam espalhados pelo País.

MOMENTOS DIFÍCEIS

Embora reconheça que a Funai está passando por momentos difíceis, provocados por ameaças de demissões, afastamentos de cargos, revolta de grupos indígenas, entre outros problemas que surgiram a partir do segundo semestre desse ano, o general Ismarth afirmou na última sexta-feira que todos os problemas estariam resolvidos em breve.

“É só uma questão de tempo. Preciso reunir as causas de todos os impasses para poder equacioná-los”, disse o general, cujo desempenho à frente do órgão está motivando manifestações de apoio de um grupo de antropólogos brasileiros que vão enviar, nesta semana, um documento contendo centenas de assinaturas e que propõe a alcunha de “O novo Rondon” para Ismarth de Oliveira.

Na mensagem que divulgou por ocasião do aniversário do órgão, o general Ismarth, sempre fiel aos seus princípios de promover a aculturação dos grupos indígenas lenta e gradualmente, dando-lhes condições de disputar com o branco o direito de sobreviver em suas terras, fala da atual etapa iniciada recentemente pela Funai conforme o estabelecido no estatuto do índio:

“Hoje, ao completar nove anos de vida, a Funai inicia a execução de uma nova etapa baseada em que a integração do índio à sociedade nacional é o objetivo a ser atingido. Pensando nisso, em áreas onde o índio está em elevado grau de aculturação propomos substituição da

assistência pura e simples, por projetos que dêem aos seus executores, os próprios índios, a garantia do futuro de que necessitam com braços já preparados para colaborar na produção nacional”.

“Ao demais, em estágios iniciais de aculturação, vamos aos poucos mostrar-lhes as vantagens de uma nova tecnologia, mas sem ferir-lhes os costumes, as crenças, ou impor-lhes regras diferentes das que recebem dos maiores grupos.”

ULTIMOS IMPASSES

Após ter resolvido o problema da rebelião dos índios suruí, do parque indígena de Aripuanã, em Rondônia, para onde se deslocou pessoalmente há dez dias atrás, o general Ismarth se depara, agora, com outros impasses que estão provocando um desgaste da imagem do órgão junto as esferas governamentais, como ele próprio reconheceu.

O afastamento da antropóloga Iara Ferraz, do projeto que vem sendo desenvolvido junto aos índios Gaviões, Parque Indígena Mãe Menininha, onde os índios já estão à frente da atividade de extração da castanha até então explorada paternalmente pela Funai, foi, no final desta semana, o principal assunto que deu margem a novos descontentamentos.

O projeto, que vinha sendo conduzido com absoluto sucesso por Iara Ferraz, foi apontado, em diversas ocasiões, como uma fase de transição e reestruturação dos elementos que caracterizariam o processo de integração na sociedade nacional. Na ocasião, a própria antropóloga revelou:

“A atitude do diretor do DGO, Fracelísio Van Der Broock — o responsável pelo seu afastamento do grupo Gaviões — implica num retrocesso às atitudes paternalistas, principalmente no momento em que os índios caminham para a emancipação”.

A respeito, disse o general Ismarth que a antropóloga não foi afastada por indisciplina — segundo a justificativa de Van Der Broock — mas sim porque as modificações que vem ocorrendo nas estruturas da Funai não permitem que a administração dos projetos junto a grupos indígenas seja levada a cabo

por pessoas que não pertençam ao quadro funcional do órgão.

NO BANANAL

Até sexta-feira, o último problema enfrentado pela Funai, foi a revolta dos índios Carajás, da Ilha do Bananal, contra o novo diretor do Parque Indígena do Araguaia, Ubirajara Calado, nomeado há pouco tempo pelo diretor do DGO, Van Der Broock.

Embora tentassem matá-lo, os carajás conseguiram apenas ferir a flexada alguns funcionários da Funai que no entanto já estão fora de perigo. No mesmo dia, o general Ismarth enviou reforços para a área, numa tentativa de acalmar os revoltosos. Os carajás, não compreenderam por que o novo diretor tomou uma atitude repressora com relação ao álcool. E que Ubirajara Calado, que por sinal é parente do diretor do DGO, não sabia que o alcoolismo é um problema antigo que atingiu os índios da Ilha do Bananal.

ESPIGAO DO OESTE

A próxima meta da Funai, nos próximos dias, será a recondução de oitenta índios suruí que saíram do Parque indígena Sete de Setembro para realizarem trabalhos no espigão do oeste, na demarcação de lotes para empresa Itaporanga, de propriedade dos irmãos Melhorança.

Esses índios estão atualmente em estado de penúria, segundo adjetivo usado pelo próprio general Ismarth, pois os projetos de loteamento foram interrompidos e eles, então, passaram a mendigar ao longo da BR-364, Cuiabá-Porto Velho, por onde estão perambulando.

Os suruí serão removidos para uma área próxima ao Parque Sete de Setembro — segundo projeto já aprovado pelo general Ismarth, por sugestão do sertanista Apoená Meireles — onde construirão sua própria aldeia.

O fato desses 80 suruí já terem entrado em contato com a civilização como mão-de-obra barata e, portanto, já contagiados pelos brancos, impede que possam viver no próprio Sete de Setembro, de onde foram deslocados.